

Impactos psicológicos e no processo de aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental I durante a pandemia do COVID-19

Psychological impacts and the learning process of Elementary School Students I during the COVID-19 Pandemic

Impactos psicológicos y el proceso de aprendizaje de los Estudiantes de Primaria I durante la pandemia de COVID-19

Recebido: 17/01/2022 | Revisado: 21/01/2022 | Aceito: 26/01/2022 | Publicado: 28/01/2022

Cássia Amélia Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7992-0138>
Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
E-mail: cassia.csg38@gmail.com

Nelson Russo de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0159-9433>
Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
E-mail: nelsonrusso.unesp@gmail.com

Ana D'Arc Martins de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4240-9579>
Universidade do Estado do Pará, Brasil
Universidade da Amazônia, Brasil
E-mail: azevedoanadarc@gmail.com

Ana Maria Barbosa Quiqueto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1447-0858>
Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
E-mail: a.quiqueto@unesp.br

Valquiria Cristina Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8445-4207>
Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
E-mail: valcrismar@gmail.com

Alexandre de Castro Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5663-8757>
Universidade Estadual de São Paulo, Brasil
E-mail: alexandre.c.campos@unesp.br

Resumo

O estudo objetivou a identificação de possíveis impactos psicológicos e no processo de aprendizagem de alunos do ensino fundamental I durante a pandemia do COVID-19, bem como a categorização e discussão de tais impactos. Além disso, a identificação de fatores de proteção que podem contribuir para amenizar os impactos e de risco que podem contribuir para potencializar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, visto que buscou o aprofundamento sobre os impactos psicológicos e do processo de aprendizagem durante a pandemia, bem como o conhecimento, a análise e o levantamento das contribuições teóricas existentes a respeito do tema. O estudo utilizou-se de pesquisas recentes a respeito das consequências do isolamento social e da suspensão das aulas presenciais para a criança, sendo esta a população mais afetada devido a sua vulnerabilidade. Ainda, materiais a respeito da importância da interação da criança com grupo de pares para que haja aprendizagem, conforme a teoria sócio-interacionista de Vygotsky. Percebe-se, então, que é preciso criar um ambiente com a predominância de fatores protetivos, de modo a prevenir os possíveis impactos psicológicos e no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Impactos psicológicos; Ensino; Aprendizagem; Fatores de risco; Fatores de proteção.

Abstract

The study aimed to identify possible psychological impacts and on the learning process of elementary school I students during the COVID-19 pandemic, as well as the categorization and discussion of such impacts. In addition, the identification of protective factors that can contribute to mitigate the impacts and risk that may contribute to potentiate. This is a bibliographical, exploratory and qualitative research, since it sought to deepen the psychological impacts and the learning process during the pandemic, as well as the knowledge, analysis and survey of existing theoretical contributions on the subject. The study used recent research on the consequences of social isolation and the suspension of classroom classes for children, which is the population most affected due to their vulnerability.

Furthermore, materials about the importance of the interaction of the child with a group of peers so that there is learning, according to Vygotsky's socio-interactionist theory. It is perceived, then, that it is necessary to create an environment with the predominance of protective factors, in order to prevent possible psychological impacts and in the learning process.

Keywords: Psychological impacts; Teaching; Apprenticeship; Risk factors; Protective factors.

Resumen

El estudio tuvo como objetivo identificar los posibles impactos psicológicos y en el proceso de aprendizaje de los estudiantes de primaria I durante la pandemia de COVID-19, así como la categorización y discusión de dichos impactos. Además, la identificación de factores protectores que puedan contribuir a mitigar los impactos y riesgos que puedan contribuir a potenciar. Se trata de una investigación bibliográfica, exploratoria y cualitativa, ya que buscó profundizar en los impactos psicológicos y el proceso de aprendizaje durante la pandemia, así como en el conocimiento, análisis y levantamiento de los aportes teóricos existentes sobre el tema. El estudio utilizó investigaciones recientes sobre las consecuencias del aislamiento social y la suspensión de las clases en el aula para los niños, que es la población más afectada debido a su vulnerabilidad. Además, materiales sobre la importancia de la interacción del niño con un grupo de compañeros para que haya aprendizaje, según la teoría socio-interaccionista de Vygotsky. Se percibe, entonces, que es necesario crear un ambiente con predominio de factores protectores, con el fin de prevenir posibles impactos psicológicos y en el proceso de aprendizaje.

Palabras clave: Impactos psicológicos; Enseñanza; Aprendizaje. Factores de riesgo; Factores protectores.

1. Introdução

Para a contenção do contágio pelo vírus responsável pelo COVID-19 foi necessário que as autoridades lançassem mão de medidas sanitárias, sendo o isolamento social uma delas (Melo *et. al.*, 2020). Com isso, veio a interrupção das aulas presenciais, refletindo na rotina das crianças. Além disso, dificuldades financeiras vivenciadas pelas famílias pela perda do emprego ou diminuição da renda; adoecimento, hospitalização ou morte de pessoas próximas podem gerar impactos negativos para a criança, pois mexe com a homeostase com a qual esta já está adaptada, desestruturando a percepção quanto segurança e normalidade.

Melo *et. al.* (2020) refere que dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação estão entre as reações emocionais e alterações comportamentais mais frequentes apresentadas pelas crianças durante a pandemia. Para muitas crianças tais alterações podem ser potencializadas, em decorrência das desigualdades de oportunidades, em termos educacionais ou familiares. Isso quer dizer que, para muitas crianças será muito mais sofrido o enfrentamento das consequências da pandemia, visto que a equidade social e escolar raramente é colocada em prática, consequentemente, o que vemos, são crianças com oportunidades quase nulas em relação ao acesso e às aulas remotas, ao suporte familiar tanto em termos educacionais como afetivos.

É preciso compreensão a respeito das reações adaptativas manifestadas pela criança, conforme o que é esperado para a fase do desenvolvimento em que esta se encontra, de modo a poder atender adequadamente as necessidades. Assim, conforme Melo *et. al.* (2020) “evita-se considerar como patológicas reações que são adaptativas ou decorrentes de problemas sociais que precisam ser enfrentados coletivamente”.

Com a interrupção das aulas presenciais, as aulas *online* foram a alternativa para que as crianças pudessem continuar no processo de ensino e aprendizagem, porém existem alguns pontos que precisam ser levados em consideração – necessidade do apoio de um adulto que possa mediar o processo de ensino, tempo e dedicação deste adulto e da criança, o princípio da equidade social quem nem sempre é colocado em prática, pois o uso de tecnologias não é acessível a todas as crianças (Melo *et. al.*, 2020).

Sendo assim, o estudo objetivou a identificação de possíveis impactos psicológicos e no processo de aprendizagem de alunos do ensino fundamental I durante a pandemia do COVID-19, bem como a categorização e discussão de tais impactos. Além disso, a identificação de fatores protetivos que podem contribuir para amenizar os impactos e de risco que podem potencializar tais impactos. Isso porque, a interrupção das aulas presenciais e, adesão ao ensino remoto de forma repentina,

pode ser visto pela criança como uma quebra da sua rotina, como algo novo em seu repertório, sem que tenha tido tempo para desenvolver estratégias de enfrentamento, gerando o sentimento de descontinuidade. Com isso, o estudo vem contribuir com a sociedade no sentido de se criar um ambiente com a predominância de fatores protetivos, de modo a prevenir os possíveis impactos psicológicos e no processo de aprendizagem; e com a comunidade científica, servindo de base para que novos estudos possam ser desenvolvidos, assim como o conhecimento das estratégias de enfrentamento utilizadas pela criança durante o período de suspensão das aulas presenciais.

1. Fatores Geradores de Impacto

Rodrigues e Lins (2020) enfatizam que a saúde mental pode ser compreendida a partir do ambiente social que a pessoa vive, bem como da etapa do desenvolvimento em que se encontra. Deste modo, é possível inferir que as epidemias são geradoras de transformações e desequilíbrio, o que exige o desenvolvimento de estratégias adaptativas. Os poucos estudos a respeito dos impactos psicológicos causados pela pandemia do COVID-19 mostram a “manifestação de sintomas psicológicos gerados pelo distanciamento social, os quais estresse, irritabilidade, alterações do sono, ansiedade entre outros” (Rodrigues & Lins, 2020).

Mudanças na rotina sejam elas positivas ou negativas podem ser geradoras de estresse através de reações emocionais e comportamentais. Isso porque, conforme Polanczyk *et. al.* (2020) essa interrupção da rotina é compreendida pelo cérebro como estresse, o que gera alterações físicas e emocionais.

1.1 Impactos Psicológicos

É notório que a pandemia tornou-se uma ameaça à saúde pública, tanto física como mental, na atualidade, porém ainda há dificuldade em mensurar os impactos psicológicos e no processo de aprendizagem dos alunos, pois estão sendo construídos conforme o avanço da doença (Holmes *et. al.*, 2020). Contudo, é possível inferir que os impactos emocionais causados pelas consequências do COVID-19 podem influenciar no desenvolvimento psicológico da criança devido a sua vulnerabilidade (Linhares & Enumo, 2020). No momento, os estudos empíricos sobre impactos psicológicos são escassos (Maia & Dias, 2020); e os prospectivo-longitudinais, com delineamento de coorte, ainda são inexistentes (Qiu *et. al.*, 2020). Portanto, os estudos a respeito dos impactos psicológicos e no processo de aprendizagem que esse período de incertezas e inseguranças gerado pela pandemia causará em crianças ainda são escassos (Muratori & Ciacchini, 2020). Diante disso, é essencial que se dê atenção à saúde mental das crianças no contexto da pandemia, com isolamento social, em decorrência da maior vulnerabilidade dessa população.

Um estudo desenvolvido por pesquisadores na Província de Shaanxi (China) analisou as estratégias capazes de promover a resiliência em crianças e adolescentes, de modo que pudessem enfrentar os impactos psicológicos da pandemia. A partir de uma amostra de 320 crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre três e dezoito anos, os resultados mostram que os problemas emocionais e comportamentais mais frequentes foram distração, irritabilidade, agitação, medo de fazer perguntas sobre a epidemia, querer ficar juntos dos familiares, pesadelos, inapetência e desconforto físico (Jiao *et. al.*, 2020).

1.2 Impactos no Processo de Aprendizagem

A pandemia do COVID-19 trouxe uma série mudanças, visto que para conter a proliferação do vírus foi necessário o estabelecimento de medidas sanitárias, dentre elas o isolamento social que acarretou a suspensão das aulas presenciais. Este fato por si só já pode causar impacto no processo de aprendizagem da criança, pois o contexto escolar, por meio dos mediadores e do grupo de pares é essencial para o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O ensino remoto trouxe a possibilidade de continuidade para o processo de ensino e aprendizagem, porém, também o questionamento a respeito da qualidade, efetividade e oportunidades de acesso a essa modalidade de ensino (Rezera & D’Alexandre, 2021). Isso mostra que no Brasil a democratização do acesso às ferramentas tecnológicas por meio do uso do princípio da equidade escolar e social ainda é algo distante. Um estudo sobre os impactos na educação realizado pela UNICEF (2021) averiguou que 63% dos alunos receberam atividades durante 5 dias da semana, porém, conforme a região do país, como Norte, com 19% sem atividades, esse percentual muda.

A desigualdade social vem se configurando como um fator de impacto para a aprendizagem da criança, pois a epidemia trouxe à tona fatores até então camuflados – diferentes oportunidades para o acesso à internet e para a aquisição de equipamentos tecnológicos (Rodrigues *et. al.*, 2020). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2018 revela que “(...) o percentual de brasileiros com acesso à internet aumentou no país de 2017 para 2018, passando de 69,8% para 74,7%, mas que 25,3% ainda estão sem acesso. Em áreas rurais, o índice de pessoas sem acesso é ainda maior que nas cidades, chega a 53,5%. Em áreas urbanas é 20,6%”.

Para Vygotsky (1989) as relações entre sujeito e a sociedade é que vai caracterizá-lo como humano, haja vista que o homem transforma o ambiente onde vive, de modo a suprir suas necessidades. Com isso, enquanto sujeito da ação, o homem é transformado. Para ele, ao nascer a criança apresenta funções psicológicas básicas, sendo que a partir do aprendizado da cultura é que estas transformam-se em funções psicológicas superiores.

Vygotsky (1989) preconiza ainda que o desenvolvimento psíquico humano acontece por mediação, ou seja, na interação com outras crianças e com adultos e de conhecimentos que já possuem. Isso quer dizer que, ao experienciar as primeiras relações sociais - na família, na instituição escolar, na coletividade – a criança começa a desenvolver as percepções sobre si e sobre os outros, percebendo-se como ser individual e social.

O autor ainda explana que, o desenvolvimento mental da criança se configura como um processo contínuo de aquisições intelectuais e linguísticas que acontece por meio do desenvolvimento real (a criança realiza funções sem ajuda de outro indivíduo, aquilo que foi aprendido já foi consolidado) e o desenvolvimento potencial ou proximal (a criança realiza ações com o auxílio de uma criança mais experiente ou de um adulto). “Aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (Vygotsky, 1984).

Portanto, a sala de aula funciona como espaço não apenas de ensino-aprendizagem, mas como um lugar onde a ação educativa como um todo possa conduzir-se na percepção da realidade social, econômica, cultural e política. Para Vigotsky (1998), “o convívio social e cultural entre os pares da mesma faixa etária e adultos do mesmo grupo ao qual pertence a criança, contribui de forma relevante para seu desenvolvimento e aprendizagem”.

Conforme Melo *et. al.* (2020) por conta do ensino remoto as crianças estão sendo privadas de se socializar com os pares, sendo esta primordial para o processo de aprendizagem. Isso mostra que, por conta do isolamento as crianças podem ter o desenvolvimento de algumas habilidades comprometido, em decorrência de privações, as quais em relação às vivências lúdicas; do contato face a face com grupos de pares; da cooperação; do convívio com a diversidade; decisões compartilhadas; enfrentamento de adversidades; gerenciamento de conflitos e frustrações; controle de impulsos; entre outras. Além disso, o fato do aprendizado ser realizado exclusivamente à distância gera um excesso do uso de dispositivos, como computador, celular, *tablet*, o que pode ser prejudicial ao desenvolvimento e saúde das crianças, em decorrência do tempo demasiado em frente a tela destes (Melo *et. al.*, 2020).

1.3 Fatores de Proteção

Fatores de proteção contribuem para que a criança consiga lidar com suas emoções de forma assertiva, utilizando para isso de estratégias de enfrentamento positivas. Os fatores protetivos podem contribuir para que a criança enfrente a insegurança, ansiedade e o desconforto que o período de pandemia vem trazendo sem que para isso, desenvolva sintomas psicológicos ou tenha prejuízo na aprendizagem. Os pais podem servir como fator de proteção, visto que podem contribuir para que as relações familiares sejam permeadas pelo diálogo, que deem respaldo para que a criança possa falar sobre suas emoções. Além disso, podem tomar suas próprias experiências como exemplo a respeito das situações adversas, pelas quais já passaram e quais estratégias foram utilizadas, podendo assim, desenvolver novas estratégias com a criança. Assim, as situações adversas causadas pela pandemia podem servir como uma oportunidade para o desenvolvimento e aprendizado para a criança (Polanczyk, *et. al.*, 2020).

Uma estratégia para enfrentar o período de distanciamento social e amenizar os conflitos durante a pandemia seria a organização de uma rotina familiar (Noal, 2020), pois contribui para que a criança desenvolva a noção de continuidade, ou seja, que o isolamento social terá um fim e a sua rotina escolar e social serão retomadas, contribuindo como fator de proteção contra o surgimento de sintomas relacionados à ansiedade e ao estresse. Deste modo, é importante que a criança tenha horário estabelecido para acordar, fazer as refeições, cumprir com o cronograma escolar, tempo de descanso, de lazer e de dormir. “O uso das telas (TV, *smartphones*, *tablets*, computadores) tem sido um aliado importante na manutenção dos laços sociais e afetivos das crianças” (Melo *et. al.*, 2020).

É fato que com o isolamento social aumentou os casos de violência doméstica, o que contribui para que a convivência familiar seja considerada como um fator de risco, visto que com a suspensão das aulas presenciais, a escola, um fator protetivo para a criança residente em lares caóticos por conta do seu caráter social, de garantia de alimentação, passou a não exercer seu papel (Rezera & D’Alexandre, 2021).

1.4 Fatores de risco

São aqueles fatores que podem potencializar os impactos psicológicos e de aprendizagem nas crianças, os quais funcionando como uma ameaça ao desenvolvimento saudável e a sua adaptação ao ambiente. Podem estar presentes no seio familiar através de estímulos escassos conforme o nível de desenvolvimento; violência; maus tratos; negligência; conflitos; práticas parentais abusivas e coercitivas; desnutrição; baixa escolaridade dos pais; desemprego e desequilíbrio financeiro; muitas pessoas compartilhando o mesmo ambiente e psicopatologia dos pais (Melo *et. al.*, 2020).

Wang *et. al.* (2020) mostra que 220 milhões de crianças sofrerão as consequências do isolamento social, através de impactos psicológicos, pela exposição a fatores de risco, os quais medo de infecção, frustração e tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal com outras crianças e professores, falta de privacidade em casa e diminuição da renda da família.

Conforme Evan e Wachs (2010) um ambiente familiar caótico é onde não há rotina, regularidade e organização, onde não há previsão, controle e noção de continuidade e previsibilidade. Isso quer dizer que, no caos não há organização, estrutura adequada, falta habilidade na administração de conflitos, refletindo no desenvolvimento das crianças (Evan & Wachs, 2010).

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020) naqueles lares que já eram identificados fatores de risco, em decorrência da vulnerabilidade e desigualdade social passaram a ter estes (fatores) potencializados, sendo a violência intrafamiliar uma das principais adversidades geradora de impacto negativo no desenvolvimento das crianças.

Conforme Branco e Linhares (2018) quando a criança é exposta por tempo prolongado a situações adversas pode haver impactos no desenvolvimento devido aos processos de estresse, podendo ter como consequência a hipervigilância e exaustão. Isso quer dizer que, em ambientes caóticos há o predomínio do estresse tóxico, que ao contrário do estresse positivo

se caracteriza pela exposição prolongada a agentes aversivos, sem a presença de fatores de proteção, os quais poderiam amainar os efeitos negativos (Branco & Linhares, 2018).

Quando a criança é exposta a contextos onde há a prevalência de situações estressoras, é possível identificar alto nível de cortisol - hormônio regulador do estresse -, em comparação a crianças que não vivem nesse contexto (Slopen *et. al.*, 2014). Consequentemente essas alterações dos níveis de cortisol estão relacionadas com o sistema imunológico e sistema nervoso influenciando as emoções, memória e aprendizagem. Branco e Linhares (2018) referem ainda que o estresse tóxico pode potencializar as respostas de medo na criança tendo como consequência comportamentos de agressividade como forma de defesa.

Em decorrência do isolamento social e consequentemente a interrupção das aulas presenciais as crianças tiveram sua rotina alterada acarretando a não possibilidade de interação com outras crianças, bem como brincar em áreas livres. É uma tendência da atualidade, e reforçado com a pandemia, o aumento do uso da tecnologia. Contudo, quando os meios tecnológicos passam a ser usados em excesso poderá gerar influências negativas no padrão de sono, alteração na alimentação, comportamentos de estresse e ansiedade (Rodrigues & Lins, 2020). Outro fator negativo sobre o uso exagerado dos meios tecnológicos, como jogos e vídeos em dispositivos, é o afastamento da realidade, que podem interferir nas relações familiares. Sendo assim, Rodrigues e Lins (2020) ressaltam a importância da afetividade para que as relações familiares possam ser construídas de forma saudável.

A pandemia do COVID-19 trouxe mudanças repentinas, dentre elas o isolamento social e consequentemente o ensino remoto como estratégia para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem, Contudo, mesmo com o uso da tecnologia, em decorrência da falta de políticas públicas e investimento, escancarou-se a desigualdade social, inclusive para alunos de comunidades quilombolas e indígenas, pois “se uma criança das classes média e alta continua a frequentar a escola no regime *home office*, isso não é possível para muitas famílias das classes desfavorecidas” (Araújo, 2020).

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, visto que buscou o aprofundamento sobre os impactos psicológicos e de aprendizagem durante a pandemia, bem como o conhecimento, a análise e o levantamento das contribuições teóricas existentes a respeito do tema. A pesquisa bibliográfica serviu de parâmetro por meio de materiais já publicados sobre o tema, fundamentando de forma teórica o estudo. O estudo caracteriza-se pela pesquisa exploratória cujo propósito é explicitar o tema, proporcionando a sua compreensão; e qualitativa, a qual explana aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, exigindo um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence (Gil, 2010).

O estudo utilizou-se de pesquisas recentes a respeito das consequências do isolamento social e da suspensão das aulas presenciais para a criança, sendo esta a população mais afetada devido a sua vulnerabilidade. Ainda, materiais a respeito da importância da interação da criança com grupo de pares para que haja aprendizagem, conforme a teoria sócio-interacionista de Vygotsky.

A fim de elucidar possíveis impactos que alunos do ensino fundamental I poderão ter em decorrência da falta de interação com pares pela suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia do COVID-19 foi realizada leitura e fichamento dos materiais, categorização dos possíveis impactos psicológicos e no processo de aprendizagem e dos fatores de risco e proteção, sendo estes organizados em quadros. Em seguida, análise e discussão dos resultados.

Para o desenvolvimento do estudo foi utilizado como critérios de inclusão materiais publicados em 2020 e 2021, nos idiomas português e inglês; nas plataformas Google Acadêmico, Pubmed e Lilacs. Utilizou-se dos descritores “impactos psicológicos”; “impactos aprendizagem”; “ensino remoto pandemia”; “equidade escolar pandemia”.

3. Resultados e Discussão

Mesmo com a escassez de estudos publicados, é possível inferir que mudanças na rotina das crianças durante a suspensão das aulas presenciais podem influenciar o desenvolvimento de sintomas psicológicos, os quais estresse, ansiedade e irritabilidade, cabendo aos pais/cuidadores a contribuição para a manutenção da saúde mental dos filhos (Rodrigues & Lins, 2020). Isso porque a criança ainda apresenta seu emocional atrelado ao dos pais por estar em fase de desenvolvimento cognitivo e psicológico. Sendo assim, de acordo com Papalia e Feldman (2013), a manifestação do estresse pela criança está relacionado a situações de mudanças, as quais requer a adaptação.

Diante de tantas transformações pelas quais estamos passando desde o início de 2020, dentre elas o isolamento social e a interrupção das aulas presenciais, é perceptível o quanto a rotina das crianças vem sendo afetada, gerando desconfortos em termos psicológicos e no processo de aprendizagem. Diante disso, o Quadro 1 traz os impactos psicológicos que podem acometer a criança.

Quadro 1. Impactos psicológicos.

	Impactos Psicológicos
Melo <i>et. al.</i> (2020)	Dificuldades de concentração; irritabilidade; medo; inquietação; tédio; sensação de solidão; alterações no padrão de sono e alimentação; agitação; birras; agressividade; isolamento; timidez; regressão em algumas aquisições previamente adquiridas (fala “infantilizada”, relaxamento do controle dos esfínteres, dificuldades de autocuidado e higiene).
Jiao <i>et. al.</i> (2020)	Dificuldade de concentração; irritabilidade; agitação; medo de fazer perguntas sobre a epidemia; querer ficar juntos dos familiares; pesadelos; inapetência e desconforto físico.
Rodrigues e Lins (2020)	Estresse; ansiedade e irritabilidade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Melo *et. al.* (2020) e Jiao *et. al.* (2020) referem dificuldade de concentração e agitação. Melo *et. al.* (2020) e Jiao *et. al.* (2020) e Rodrigues e Lins (2020) inferem a irritabilidade. Melo *et. al.* traz ainda, medo; inquietação; tédio; sensação de solidão; alterações no padrão de sono e alimentação; agitação; birras; agressividade; isolamento; timidez; regressão em algumas aquisições previamente adquiridas (fala “infantilizada”, relaxamento do controle dos esfínteres, dificuldades de autocuidado e higiene). Jiao *et. al.* (2020) encontrou em seu estudo medo de fazer perguntas sobre a epidemia; querer ficar juntos dos familiares; pesadelos; inapetência e desconforto físico e Rodrigues e Lins (2020), estresse e ansiedade.

Sem poder ir para a escola em decorrência da interrupção das aulas presenciais foi necessário que as crianças se adaptassem ao ensino remoto, o que também pode gerar impacto emocional e no processo de aprendizagem. Isso porque o ambiente escolar, por meio do relacionamento com os pares e com os professores como mediadores, funciona como ambiente de aprendizagem e desenvolvimento, como elucidado no Quadro 2. O problema não é o ensino remoto em si, mas a dificuldade de construir com qualidade um modelo de ensino voltado à realidade virtual, considerando que não é possível simplesmente transpor o volume de atividades.

Quadro 2. Impactos no processo de aprendizagem.

	Impactos no processo de aprendizagem
Melo <i>et. al.</i> (2020)	Privação de se socializar; de vivências lúdicas; do contato face a face com grupos de pares; da cooperação; do convívio com a diversidade; de compartilhar decisões; enfrentamento de adversidades; gerenciamento de conflitos e frustrações; controle de impulsos;

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com Melo *et. al.* (2020) a privação de se socializar; de vivências lúdicas; do contato face a face com grupos de pares; da cooperação; do convívio com a diversidade; de compartilhar decisões; enfrentamento de adversidades; gerenciamento de conflitos e frustrações; controle de impulsos podem gerar impactos no processo de aprendizagem da criança. Isso porque, de acordo com a teoria sócio-interacionista de Vygotsky (1998), a criança necessita de mediadores, representados por adultos ou crianças mais experientes, que por meio da observação e experimentação poderá se desenvolver em termos físico, cognitivo e afetivo. Para Vigotsky (1998), “o convívio social e cultural entre os pares da mesma faixa etária e adultos do mesmo grupo ao qual pertence a criança, contribui de forma relevante para seu desenvolvimento e aprendizagem”, explicitado no Quadro 3.

Quadro 3. Fatores de proteção.

	Fatores de Proteção
Melo <i>et. al.</i> (2020)	Organização de uma rotina familiar; equidade escolar e social; senso de segurança e normalidade; maior tolerância e ajuda por parte dos cuidadores, sem punições verbais ou físicas contra as crianças; diálogo e acolhimento; estruturação e organização do ambiente doméstico; divisão de tarefas e responsabilidades entre os familiares; manter ativo o exercício da autonomia e controle realizando escolhas e tomadas de decisão no contexto do grupo familiar; preservar os horários prazerosos de brincadeiras, conversas e leituras dirigidas para as crianças da casa; estabelecer comunicação positiva com as crianças atendendo às suas dúvidas e ouvindo com atenção comentários e expressão de sentimentos; conversar com as crianças sobre as limitações e restrições necessárias do momento; evitar os excessos de notícias e comentários negativos sobre o atual momento.
Noal <i>et. al.</i> (2020)	Organização de uma rotina familiar.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos resultados explicitados pelo Quadro 3, é possível perceber que o ambiente escolar contribui não somente para o processo de aprendizagem, mas também para o desenvolvimento motor e afetivo da criança. Isso acontece por meio da interação com os pares, os quais funcionam como mediadores entre a criança e o mundo através do brincar e da convivência com outras crianças, das relações que envolvem tentativas, derrotas, vitórias e riscos. As interações e as brincadeiras são eixos estruturantes do trabalho pedagógico, o que poderia ficar prejudicado com desenvolvimento dessas atividades por meios virtuais, pois há o rompimento do vínculo da comunicação, o contato com seus pares, a rotina do dia a dia na escola.

As incertezas e inseguranças em relação ao fim do isolamento social podem dificultar um planejamento mais consistente para ambos os lados, o que também pode funcionar como fator de impacto psicológico e no processo de aprendizagem da criança, já que esta necessita de rotina e regras consistentes, claras e bem estabelecidas para que perceba o ambiente como protetor, seguro e com perspectiva de continuidade (Melo *et. al.* 2020; Noal *et. al.*, 2020)

A equidade escolar e social, inferida por Melo *et. al.* (2020) como fator de proteção, deve atuar no sentido de promover não a igualdade entre os alunos, mas condições baseadas na justiça social. Isso quer dizer que, a oportunidade de acesso às aulas remotas, com apoio de um mediador (pais/cuidadores/adulto de referência), em um ambiente organizado e coeso, não tóxico ou caótico, onde a autonomia e a integridade física e psicológica da criança sejam preservadas, onde ela possa expressar suas emoções, se constitui como protetivo.

O estresse emocional que atinge as crianças pode estar associado ao isolamento social e a interrupção das aulas presenciais, o que vem gerando mudança nos hábitos e rotinas familiares. Isso porque, a criança passou a conviver exclusivamente no ambiente familiar, sem a presença de contato pessoal com colegas, amigos e professores (Wang *et. al.*, 2020), onde a violência intrafamiliar é frequente, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020). Este ambiente quando caótico, onde não há rotina, regularidade e organização, sem previsão, controle e noção de continuidade e

previsibilidade funciona como fator de risco para o agravamento dos impactos psicológicos e no processo de aprendizagem da criança, conforme Evan e Wachs (2010) e explicitado no Quadro 4.

Quadro 4. Fatores de Risco.

	Fatores de Risco
Evan e Wachs (2010)	Ambiente familiar caótico, onde não há rotina, regularidade e organização, sem previsão, controle e noção de continuidade e previsibilidade.
Branco e Linhares (2018)	O estresse tóxico pode potencializar as respostas de medo na criança tendo como consequência comportamentos de agressividade como forma de defesa.
Muratri e Ciacchini (2020) Linhares e Enumo (2020)	Vulnerabilidade da criança
Wang <i>et. al.</i> (2020)	Medo de infecção, frustração e tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal com colegas, amigos e professores, falta de espaço pessoal em casa e perda financeira da família.
Melo <i>et. al.</i> (2020)	Desigualdades de oportunidades, em termos educacionais ou familiares. Não uso do princípio da equidade escolar e social, com oportunidades quase nulas em relação ao acesso e às aulas remotas, ao suporte familiar tanto em termos educacionais como afetivos. Falta de estimulação conforme o nível de desenvolvimento; violência; maus tratos; negligência; conflitos; práticas parentais abusiva e coercitiva; desnutrição; baixa escolaridade dos pais; desemprego e desequilíbrio financeiro; muitas pessoas compartilhando o mesmo ambiente; psicopatologia dos pais.
Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020)	Violência intrafamiliar
Rodrigues e Lins (2020).	Os meios tecnológicos usados em excesso gerando influências negativas no padrão de sono, alteração na alimentação, comportamentos de estresse e ansiedade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Outro fator de risco, que pode potencializar os impactos psicológicos e no processo de aprendizagem do aluno do ensino fundamental I é o acesso à internet e a tecnologia em geral, pois de acordo com Rodrigues e Lins (2020) dependendo da função e da quantidade de tempo em que os dispositivos são usados pode influenciar de forma negativa no padrão de sono, alteração na alimentação, comportamentos de estresse e ansiedade.

Pode ocorrer também a confusão de papéis, ou seja, na escola a criança vivencia a persona de aluno, o qual deve seguir as regras estabelecidas pelo contexto, onde o ensino é sistematizado e transmitido pelo professor. Já em casa, não há essa delimitação de ambiente e papéis, onde os pais/cuidadores é quem estabelecem as regras em relação aos estudos, o que pode causar conflitos. Além disso, as famílias acabam ficando sobrecarregadas de trabalho e funções - tarefas domésticas e demandas educacionais, sem que haja, em grande parte dos casos, espaços para distração ou alívio do estresse (Quadro 4). Há ainda a falta de estimulação conforme o nível de desenvolvimento; violência; maus tratos; negligência; conflitos; práticas parentais abusivas e coercitivas; desnutrição; baixa escolaridade dos pais; desemprego e desequilíbrio financeiro; muitas pessoas compartilhando o mesmo ambiente e psicopatologia dos pais. Além da desigualdade de oportunidades, em termos educacionais ou familiares (Melo *et. al.*, 2020).

Branco e Linhares (2018) mostram ainda que o estresse tóxico pode potencializar as respostas de medo na criança, tendo como consequência comportamentos de agressividade como forma de defesa, em decorrência da vulnerabilidade por parte da criança, de acordo com Muratri e Ciacchini (2020) e Linhares e Enumo (2020).

4. Conclusão

Além de todos estes fatores geradores de impacto a falta de equipamentos e de materiais pedagógicos adequados para a realização do trabalho remoto vem prejudicar ainda mais o desenvolvimento da afetividade e a aprendizagem. Além disso, há

a questão da orientação adequada para a realização dessas atividades em casa, visto que o trabalho docente envolve formação específica na área.

É preciso refletir sobre os desafios e limitações impostas pelo ensino remoto, sendo necessário o “desenvolvimento de estratégias educacionais que deem suporte para uma tomada de decisão que favoreça um ensino de qualidade, de modo a minimizar as sequelas educativas no atual cenário” (Guedes & Gomes, 2020). O ensino remoto acentuou ainda mais a desigualdade social, visto que existem muitas diferenças de oportunidade em relação ao acesso às aulas. Neste cenário se torna imprescindível pensar estratégias de ensino remoto com equidade, não permitindo ações excludentes, mas que atendam a todos de modo plural, ético e comprometido.

Em um país com grande diversidade populacional e em extensão territorial como o Brasil, o qual ainda enfrenta dificuldades de acesso à internet e à ferramentas tecnológicas necessárias para um bom desempenho em atividades remotas, é necessário a reflexão do quanto esse momento de pandemia trouxe à tona o retrato da desigualdade e da precariedade do contexto educacional. Por isso, ao pensar em estratégias de ensino à distância é preciso “considerar os contextos social, cultural e econômico em que a escola está inserida, lançando um olhar para todos os envolvidos no processo educativo” (Guedes & Gomes, 2020).

Diante de impactos tanto nos processos de aprendizagem como psicológicos, é preciso refletir sobre as oportunidades que as crianças estão tendo para se inserir ao ensino remoto. Está sendo aplicado o princípio da equidade escolar? Com a retomada das aulas presenciais, todas as crianças terão tido as mesmas oportunidades para aprender? É preciso que sejam oportunizadas condições para a criança, por meio da equidade escolar e social, de modo que possam se desenvolver em termos cognitivo, físico e afetivo, com a garantia de um ensino de qualidade e com justiça social. Deste modo, sugere-se que pesquisas participativas possam ser desenvolvidas, de forma presencial, juntamente com professores, pais e alunos, de modo a averiguar os impactos psicológicos e no processo de aprendizagem após a retomada das aulas presenciais.

Referências

- Araújo, J. N. G. (2020). Infância e Pandemia. *Caderno de Administração*, 28, Ed.Esp.
- Branco, M. S. S., & Llinhares, M. B. M. (2018). The toxic stress and its impact on development in the Shonkoff's Ecobiodevelopmental theoretical approach. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 35(1), 89-98.
- Evans, G. W., & Wachs T. D. (2010). Chaos and its influence on children`s development: an ecological perspective. Washington: *American Psychological Association*.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Violência doméstica durante pandemia de COVID-19*. Autor.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5a ed.), Atlas, 2010.
- Guedes, N. C, Gomes, T. P. (2020). A Experiência Transformadora da Educação no Contexto da Pandemia. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. 6, 49-74.
- Holmes, E. A. *et. al.* (2020). Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet Psychiatry*, 15, 1-14.
- IBGE. (2018). *Uso da internet, televisão e celular no Brasil*.
- Qiu, J., *et. al.* (2020) A nationwide survey of psychological distress among Chinese people in the COVID-19 epidemic: implications and policy recommendations. *General Psychiatry*, 33.
- Linhares, M. B. M., Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*. Campinas.
- Maia, B. M. M. R., Dias, P. C. A. (2020). Ansiedade, depressão e stress em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 37.
- Melo, B. D. *et al.* (org). (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19. Rio de Janeiro: *Fiocruz*. Cartilha. 22 p.

- Muratori, P., & Ciacchini, R. (2020). Children and the COVID-19 transition: psychological reflections and suggestions on adapting to the emergency. *Clinical Neuropsychiatry*, 17(2), 131-134.
- Noal, D. S., Passos, M. F. D., & Freitas, C. M. (2020). Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Polanczyk, G. V. et al. (2020). *Orientações para pais de crianças e adolescentes com problemas emocionais e comportamentais no contexto da pandemia COVID-19*. Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência. Disciplina de Psiquiatria da Infância e Adolescência. Instituto e Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Rezera, D. N., & D’Alexandre, R. G. (2021). A Educação de Crianças e Jovens Durante a Pandemia do COVID-19: tem alguém aí ou vamos apenas cumprir tarefas? *Saber e educar*.
- Rodrigues, J. V. S., & Lins, A. C. A. A. (2020). Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8.
- Rodrigues, J. P., Garcia, V. A., & Tristão, T. A. (2020). COVID-19, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Papel de Educadoras e Educadores Sociais no Brasil: sobre o sobreviver e o cuidado mútuo. São Carlos: *Saber e Educar*.
- Slopen, N., McLaughlin, K. A., & Shonkoff, J. P. (2014). Interventions to improve cortisol regulation in children: a systematic review. *Pediatrics*, 133(2), 312-326.
- UNICEF. (2021). *Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia*.
- Vygotsky, L. S. (1989). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1994). *A formação social da mente*. (5a ed.), Fontes.
- Wang, R. L. et al. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947.